



Livro-reportagem sobre a trajetória do Movimento Artístico Sirrose¹

Cristiane Naiara Araújo de Souza²

Luiza Elayne Azevedo Luíndia³

Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Manaus, AM

Resumo

Neste trabalho, pretende-se apresentar o livro-reportagem como gênero jornalístico por meio do qual será contextualizada a trajetória do Movimento Artístico Sirrose. Parte-se de um questionamento inicial acerca da atividade jornalística no contexto da cidade de Manaus. Defende-se, assim, a hipótese de relação entre o Jornalismo Cultural, como lugar de enfoque do tema proposto e da possibilidade de uma leitura crítica desses produtos, e o Jornalismo Literário, na perspectiva da grande reportagem. Apresenta-se aqui o resultado de pesquisa documental e bibliográfica, além de entrevistas em profundidade. Com isso, busca-se constatar a eficácia teórico-metodológica aqui empregada.

Palavras-chave: Livro-Reportagem; Jornalismo Literário; Jornalismo Cultural e Movimento Artístico Sirrose.

1 INTRODUÇÃO

Faz-se necessário um recorte de todo o trabalho empreendido em seis meses de pesquisa e elaboração monográfica. Serão dispostos, em resumo, conceitos básicos e imprescindíveis à compreensão das causalidades que levaram à execução de uma pesquisa sobre os conceitos de jornalismo cultural e jornalismo literário e, mais especificamente, das técnicas de jornalísticas da entrevista em profundidade e da grande reportagem.

Ocorreu, ao longo do processo, aprofundamento da pesquisa sobre o corpus de análise, num debruçamento tanto científico quanto artístico, fazendo-se uso tanto de critérios

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

² Aluna Líder e Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Tecnóloga em Produção Publicitária pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifam), Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Ufam (PPGCOM). E-mail: criss_nicegirl@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho e Doutora em Comunicação Social, docente do Departamento de Comunicação Social da Ufam e do PPGCOM. E-mail: luindia@uol.com.br



jornalísticos de reportagem quanto de linguagem literária na apresentação do livro-reportagem. A partir disso, erigiram-se as etapas constitutivas do produto final.

Jornalismo Cultural

A começar pelo jornalismo cultural, observa-se empiricamente que tal especialização encontrou lugar, principalmente, em revistas e na web, entretanto, deveria ter espaço reservado nos jornais diários – ou pelo menos nos grandes. Tendo como produções marcadas os ensaios, as críticas, as resenhas, as crônicas e os artigos, tal especialidade possui forma e conteúdo bem delineados. É a um dos tipos de elaboração supracitados que se submetem os *produtos culturais*, por exemplo, a música, a literatura, a dança, o teatro, a cultura popular e erudita, o a obra poética, as manifestações folclóricas, mas também as cotidianidades.

No Brasil, segundo Piza (2008), o jornalismo cultural só ganharia força no final do século XIX; e dele nasceria o maior escritor nacional, Machado de Assis (1839-1908). No século XX ganhariam espaço as publicações voltadas à nova corrente literária, com a efervescência cultural advinda da Semana de Arte Moderna, nos idos de 1922. O modernismo paulista teve na linha de frente a revista Klaxon título que significa ‘buzina’; e o buzinaço promovido por Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Victor Brecheret.

Atualmente, corroborando com a discussão aqui proposta, é possível constatar empiricamente em que se transformaram as páginas dos cadernos culturais, perpassadas por essa concepção tão jovem do presente ‘pós-moderno’, que, de tão efêmero, deixa tudo para depois, num quase ‘pós-jornalismo-cultural’. Configurando-se, nesse campo, critérios de relevância, gosto e valor, influenciadores do consumo social. Assim, Marshal define:

... Uma cultura que já vem pronta para o consumo. O lócus pós-moderno instala no hábitat natural uma cultura híbrida, paradoxal e universal, mais profunda que a cultura ambivalente da modernidade. Essa mutação, simbiose da própria natureza humana, determina os conceitos e os significados de uma era sem nome (2003, p. 16).

E atingindo um dos pontos nefrágicos da problemática aqui iniciada, Marshal (2003) ainda fala a respeito da cobertura das notícias mais das notícias mais sérias, para as quais



seria preciso maior investigação e mais profundidade no adensamento do tema. O que há hoje é entretenimento, com maior efeito sobre a audiência e menos custo para a empresa. Desse modo ocorre também nos cadernos que seriam dedicados à cultura, sendo possível constatar que são uns dos mais atingidos por esse jogo entreter-vender-entretar.

Jornalismo Literário

O texto em jornalismo cultural é constitutivamente mais subjetivado e mais livre das amarras do que se produz em *hard news*⁴, no resto do jornal, tomando-se por base a imprensa diária e não especializada. Ele encontra-se, nessa tangente, com outro modelo do fazer jornalístico: o *jornalismo literário*. A liberdade que se tem em termos de expressão linguística e textual só é permitida a este, o qual, em essência, busca potencializar os recursos jornalísticos, ultrapassando os limites do cotidiano e da burocracia do *lead*. Possibilita, pois, visões mais extensas e intensas do real, devido à profundidade constitutiva dos relatos.

Quando se fala em Jornalismo Literário, a definição é uníssona, pois a chamada Literatura não-ficcional nos permite um casamento entre um e outro, uma junção quase simbiótica entre a forma de fazer jornalística e a forma de expressar literária. No que diz respeito não ao objeto a ser reportado, mas ao modo como reportá-lo, é possível compreendê-lo a partir da seguinte definição, de Felipe Pena:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (2008, p. 13).

Para Marcelo Bulhões (2007), há duas características geralmente usadas para especificar ambas as tendências: literária e jornalística. O autor faz uma leitura com foco na zona de convergência entre jornal e letras, onde se delineia um percurso de marcas históricas e contornos discursivos necessitados de avaliação e cobertos de algum esforço de teorização

⁴ As notícias que trazem fatos do dia a dia, também chamadas de factuais ou notícias quentes. Elas dão corpo para a maior parte do conteúdo veiculado pelas mídias jornalísticas, pois satisfazem ao critério de proximidade temporal e relevância mais imediata.



das categorias da factualidade e da ficcionalidade. É necessária a parcimônia ao estabelecer zonas de emprego de cada uma delas, a fim de evitar a descaracterização do trabalho.

Esse modo de fazer já era praticado há muito noutros países, entretanto, no Brasil, o Jornalismo Literário fica assim definido:

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da História do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística. (Pena, 2008, p. 21).

O Livro-reportagem seria uma alternativa?

É sensível, a partir do exposto, a complementação de *modus operandi* entre as duas especialidades, nos cadernos culturais, o que já existiu nos primórdios da prática do jornalismo cultural, inclusive no Brasil, quando escritores eram convidados a fazer as críticas literárias, escrever as crônicas e os artigos. Existe um modelo que cabe nos objetivos da abordagem aqui pretendida: o livro-reportagem. Ele nasce, de modo geral, como extensão da reportagem cujo nome genérico é grande reportagem.

No caso deste trabalho, partiu-se de uma necessidade do Jornalismo Cultural de incorporar os elementos inerentes ao jornalismo literário, e não do modo convencional, quando se parte de uma notícia, que se transforma numa reportagem e, mediante seu impacto no sistema social ou a uma falha na cobertura – factual e fractal, é pouco aprofundada, podendo tornar-se um livro-reportagem. Por outro lado, o interesse pode nascer diretamente voltado para a elaboração de um livro-reportagem. O histórico do Movimento Artístico Sirrose despertou tal motivação, a qual direcionou toda a pesquisa constituinte do trabalho monográfico e, por conseguinte, do livro-reportagem.

No ano de 1994, Márcio Santana reuniu-se com alguns amigos para pensar a respeito de uma nova literatura, mas não houve realizações significativas nesse período. Somente em 2001, o mesmo escritor convida Marcos Ney, à época estudante de filosofia da então



Universidade do Amazonas (UA), para a produção de uma revista. Essa segunda tentativa também não foi alavancada.

Apenas dois anos depois, em 2003, a ideia da revista tomou corpo, nascendo então a Sirrose. O nome foi adotado por conta do caráter marginal, boêmio e corrosivo da proposta, com a palavra grafada com 'S', o que inicialmente foi um erro formal passou a revelar outros significados, como a escrita de bêbado. Depois disso, o grupo lançou outras 7 edições da Revista, sendo a última em 2008. Publicou, ainda, diversos livros e realizou intervenções artísticas da Ufam e noutros espaços públicos, como as praças de Manaus.

2 OBJETIVO

Geral: Apresentar o Livro-reportagem como alternativa de divulgação da trajetória do Movimento Artístico Sirrose.

Específicos:

1. Contextualizar histórica e culturalmente o Movimento Artístico Sirrose;
2. Apresentar os principais produtos culturais empreendidos pelos artistas do grupo;
3. Traçar os perfis de três dos principais integrantes do Movimento Artístico Sirrose.

3 JUSTIFICATIVA

Há, decerto, necessidade de contextualização de termos e conceitos inerentes à compreensão histórica, política e social das atividades e produções engendradas no interior da sociedade, sendo exemplos disso os movimentos com características vanguardistas. Essa etapa é fundamental para que alguma abordagem não se configure num corte inconsequente no curso da História. Ou seja, a circunscrição cosmológica do tema é fundamental para que sejam alcançados os objetivos propostos.

As mudanças de concepção de mundo, de cosmovisões e de ideologias influenciaram e foram profundamente influenciadas pelos agentes sociais ao longo de suas cronologias. Tem-se, após os devidos esclarecimentos teóricos, uma proposição de caráter resolutivo à

problemática anteriormente suscitada, como se segue: não se registra de forma satisfatória na pauta da mídia local os microssistemas de produção literária engendrados no interior da sociedade local, elucidados aos moldes da *contracultura*⁵. O Movimento Artístico Sirrose, corpus da pesquisa, pode, inclusive, ser denominado em termos de vanguarda artística amazonense, daí a importância desta abordagem.

O Movimento é dotado de identidade e historicidade, atuando em espaços de ação alternativos, enveredando pela Universidade, pelos bares, pelas praças e ruas de Manaus. No *locus* escolhido ou improvisado, as performances e os produtos, dotados de teor midiático intrínseco, são levados ao público. E, como formas simbólicas imanentes da significação social, política e econômica, ganham valor, tomam vida, vociferam, latejam no caos, vendem-se as ideias, os contos, as poesias, os quadrinhos e os gritos da *Sirrose*.

Segundo Bauman (2001), torna-se relevante compreender que aquilo a que estamos fadados significa estarmos conscientes de que isso é diferente de nosso destino. Ao digerir essa afirmação, torna-se mais fácil compreender o objetivo central de todos os movimentos, sejam eles artísticos, políticos, econômicos ou uma miscelânea extracorpórea, mas assentada em todos esses ideários.

O Movimento Sirrose, como proposta de um olhar crítico sobre a sociedade, a partir das lentes da arte e da filosofia, teve início como uma ideia que nasceu nas mentes e nos corações de meia dúzia de pessoas. A Sirrose os assaltou como uma doença, em sentido literário, evidentemente. Ela cresceu, tomou corpo de voz, depois faleceu, mas deixou marcas históricas que este trabalho pretende resgatar, por considerar relevante para a cultura amazonense.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

⁵ Durante a chamada época contracultural, muitos jovens berravam por libertação. Limites, fronteiras, regras, governantes, ideias estáticas eram anátemas. A estrela do rock *Janis Joplin* subverteu a própria divisão do tempo em pequenas unidades, cacarejando em um álbum gravado ao vivo: “é sempre a mesma merda de dia, cara”. E *Graham Nash* disse aos ouvintes das paradas de sucesso do rádio que as nações- estado e suas fronteiras eram ilusões, cantando para o agente da imigração: “I can’t toe your line today/ I can’t see it anyway” (“Eu não consigo pisar na sua linha hoje/ Eu nem consigo vê-la”). *Abbie Hoffman*, embora estivesse correndo o risco de prisão e possível morte nas ruas porque – francamente – estava tentando provocar algum tipo de destruição do sistema, ainda podia dizer que o único movimento no qual acreditava era a “dança”. (Goffman e Toy, 2007).



“Todo livro começa com uma insatisfação, uma esperança e uma aposta”. (GITLIN, 2003:09). É justamente essa insatisfação, essa esperança e essa aposta que traduzem a vontade de escrever, mesmo que de forma inexata, amadora, porque o que importa é o desejo da escrita, da entrevista, da pesquisa, do saber e do mostrar.

O Livro-reportagem apresenta-se, portanto, como uma ferramenta de experimentação: ousa incorporar contribuições conceituais e técnica provenientes de outras áreas, como literatura e história. Em uma de suas mais precípuas funções, “o livro-reportagem também complementa o papel da imprensa cotidiana [...] também porque penetra, por vezes, em temas pouco explorados pelos periódicos” (LIMA, 2009, p. 49). É exatamente esse o diferencial e a justificativa de existência da grande reportagem: a profundidade.

A partir de uma abordagem metodológica qualitativa, formada por pesquisa documental e bibliográfica, obtiveram-se os dados necessários à elaboração do produto. Além disso, foram realizadas três entrevistas abertas ou em profundidade, como denomina Medina (1999). Todos os procedimentos utilizados na pesquisa são utilizados no trabalho da reportagem, por meio dos quais é garantida a natureza jornalística do produto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Nesta etapa, define-se, tendo em vista as temáticas suscitadas durante o processo de pesquisa e entrevistas, a estrutura do livro-reportagem. Mais do que uma simples organização de ideias, trata-se de uma seleção delas.

Como se passa no dia-a-dia do jornalismo, é preciso criar obedecer a alguns critérios de noticiabilidade, dentro do que se configura a grande reportagem, visto que nenhuma abordagem é absolutamente completa. Os recortes são necessários, embora sejam menos bruscos e menos dolorosos que o que se espera de uma factualidade.

Assim, segue a proposta constitutiva para o Livro, o qual possui 98 paginas:

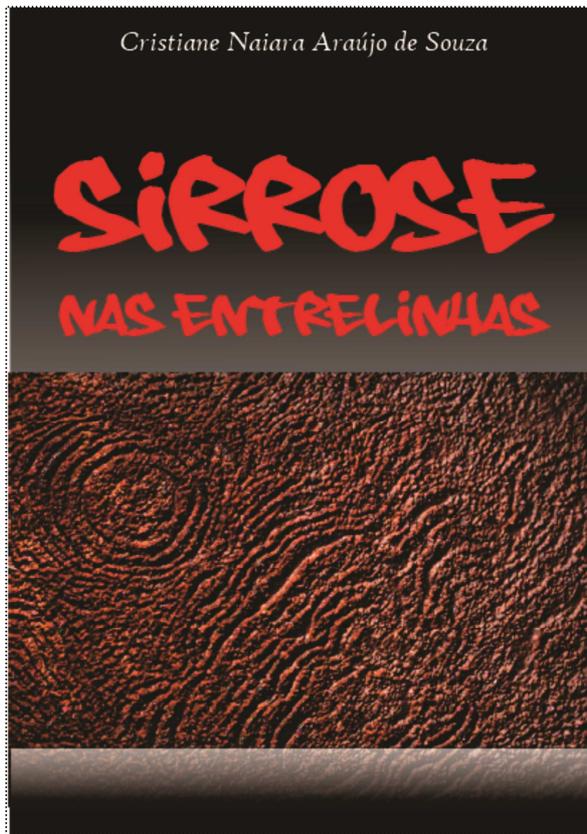
Prefácio - leva ao conhecimento do leitor a ideia do desenvolvimento do livro-reportagem, da fagulha de curiosidade que deve ser característica de todo trabalho jornalístico.

Sirrose nas Entrelinhas - traz a contextualização histórica e artística do movimento, além de delimitar alguns temas relevantes em torno da Revista Sirrose, carro-chefe do trabalho desses artistas. Essa parte está assim dividida: Uma Definição; Um Antes; Um início; Perturbação de Trabalho, Incitação de Tumulto e Escrita Obscena; Os Novos Escritores; Uma Revista e um Obituário; Filosofia para quem precisa; A Capa dos Corpos Caídos; Encontro Internacional de Escritores; Uma Versão Feminina, Alguns Expoentes, Corrosivos Escritos (que traz uns textos escritos em algumas das edições da Revista Sirrose, de autoria de Dulce Gusmão, Márcio Santana, Marcos Ney, Jalna Gordiano, Inácio Frota, Artur Farrapo e Adriano Furtado) e Alguns Expoentes.

Projeto Gráfico - Palavra-chave e critério fundamental para a elaboração da grande reportagem: informação. E todas elas precisam seguir os critérios de apuração do jornalismo, reportando a realidade sob a ótica jornalística, e convergindo com a literatura somente em termos textuais e estilísticos. No entanto, as inferências e o posicionamento tornam-se mais evidentes em se tratando da grande reportagem.

O livro foi dividido em: capa, contracapa, agradecimentos, sumário, introdução e capítulos [inseridos num item gerador: as entrelinhas do Movimento Artístico Sirrose].

Figura 01: Capa do Livro-reportagem ‘Sirrose nas Entrelinhas’



Fonte: Arquivo pessoal (2010)

6 CONSIDERAÇÕES

Experimentação é uma palavra que bem define este trabalho, além de Jornalismo Cultural e Jornalismo Literário, como bases para a abordagem aqui utilizada: a grande reportagem. Os questionamentos primeiros, em termos de escolhas, gêneros e linguagem jornalística, foram basilares para as proposições que se seguiram.

O uso do livro-reportagem para contar a história do Movimento Sirrose foi experimentado tanto como uma abordagem teórica e prática para preencher uma lacuna deixada tanto do Jornalismo Cultural, em termos de linguagem, quanto nas questões de pauta no jornalismo local, em termos de seleção de uns temas em detrimento de outros. Não há, efetivamente, os segundos cadernos no jornalismo local, significando uma lacuna em todas as etapas do fazer, desde a pauta até a elaboração do jornal. Os mais prejudicados nesse processo são os artistas, são os produtores e os produtos da cultura, imanes e necessitados de evidência.



Por outro lado, esse mesmo jornalismo permanece engessado nos modos de produção industrial, no *dead line* nosso de cada dia. Não se aprofundam os temas, talvez para evitar os riscos ou aumentar a lucratividade da empresa: notícias rápidas, muitas notícias, poucos jornalistas, mais lucro... Essa é a ideia.

Assim, pretendeu-se demonstrar apenas um dos múltiplos modelos de abordagem de que o jornalismo dispõe para divulgar as transformações sociais pulsantes, latentes e irremediáveis, visto que podem ser elas próprias o remédio.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, 1925 - **Modernidade líquida**/ Zygmunt Bauman; tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2001.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e Literatura e convergência**/ Marcelo Bulhões. São Paulo: Ática, 2007. 216. P: II.

GITLIN, Todd. **Mídias sem limite**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro – 2003.

LIMA, Edivaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura** - 4ª Ed./Edivaldo Pereira Lima. – [Ed. rev. e ampliada]. – Barueri, SP: Manole, 2009.

MARSHAL, Leandro. **O Jornalismo na era da publicidade**/ Leandro Marshal. – São Paulo: Summus, 2003. – (Novas buscas em comunicação; 70).

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. – São Paulo: Ática, 1999. (Série Princípios).

PIZA, Daniel – **Jornalismo Cultural**/ Daniel Piza. 3ª ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2008. (Coleção Comunicação).